

A FIGURA MASCULINA NAS ESCOLAS DE ENFERMAGEM BRASILEIRAS

Ney Daniel Batista¹

Resumo: Este trabalho teve como objetivo realizar uma revisão da literatura sobre a inserção da figura masculina nas escolas de enfermagem brasileira, de modo a compreender os percalços e a importância do homem enfermeiro nessa área de atuação profissional. Foram encontrados 12 artigos, entre os anos 1999 a 2017, nas bases de dados Biblioteca Virtual da Saúde (BVS) que permite acesso das principais bases e banco de dados: LILACS (Literatura Latino Americana em Ciências da Saúde) e BDNF (Base de Dados da Enfermagem), publicações apenas no idioma português, além de consultas a SciELO (Scientific Electronic Library Online). Nisso utilizou-se como ferramenta complementar de dados o buscador Google acadêmico. Como resultado a literatura aponta que a primeira escola a aceitar homens foi a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, essa iniciou os primeiros passos para profissionalização da Enfermagem no Brasil em 1890, ensejando os atributos de força masculina como os primeiros requisitos de inserção. Assim sendo, somente no advento da Enfermagem moderna que se deu a partir de 1923 com a Reforma Universitária, é que o acesso foi ampliado dando um grande passo para que a enfermagem pudesse ser cursada por qualquer gênero. Conclui-se que a figura masculina passou por uma trajetória longa de aceitação profissional, pois a vinculação da Enfermagem com o gênero feminino, fez disso uma barreira de inserção nos cursos de enfermagem no Brasil.

Palavras-chave: Masculino, Gênero, Enfermagem.

Abstract: This study aimed to perform a literature review on the insertion of the male figure in Brazilian nursing schools, in order to understand the mishaps and the importance of male nurses in this area of professional practice. Twelve articles were found from 1999 to 2017 in the Virtual Health Library (VHL) databases that allow access to the main databases and database: LILACS (Latin American Literature on Health Sciences) and BDNF (Database). of Nursing), publications in Portuguese only, as well as consultations with SciELO (Scientific Electronic Library Online). In this we used as a complementary data tool the Google academic search engine. As a result, the literature points out that the first school to accept men was the Professional School of Nurses, which started the first steps to professionalize Nursing in Brazil in 1890, giving rise to the attributes of male strength as the first insertion requirements. Thus, only in the advent of modern nursing that took place from 1923 with the University Reform, access was expanded taking a big step so that nursing could be pursued by any gender. It is concluded that the male figure has gone through a long trajectory of professional acceptance, because the link between nursing and the female gender, made it a barrier of insertion in nursing courses in Brazil.

Keywords: Male. Genre. Nursing

¹ Ajes- Faculdade do Vale do Juruena - Email:ney.daniel@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Este estudo aborda a trajetória da inserção da figura masculina nas escolas de enfermagem brasileira. Pois segundo Campos e Oguisso (2008) há um anacronismo na identificação da profissão como eminentemente feminina, sendo muito comum encontrar na literatura uma idealização da enfermagem a uma personagem principal, a enfermeira. Para esses autores essa idealização na enfermagem, acaba por assumir uma verdade ao dar representação da enfermagem como profissão própria para mulheres, justificada frente à história do desenvolvimento da enfermagem moderna.

No decorrer dos tempos a enfermagem ampliou seu espaço no campo da saúde, influenciada por Florence Nightingale que deu exclusividade da profissão à mulher. Mas esse contexto de exclusividade advém de uma luta feminista da época em que segundo Horta (1968, p.2) “A feminilidade na Enfermagem se deu quando esta passou a ser reconhecida como profissão na Inglaterra [...] embora já conviesse em seu tempo, que o homem é tão necessário na profissão quanto à mulher”. Isso leva ao entendimento de que o processo do cuidado da enfermagem no início da profissão se preocupava em dar a mulher o dever do cuidado ao próximo.

Percebe-se ainda que a Enfermagem brasileira nos moldes de Nightingale tinha um seguimento dos passos já implantados pelas enfermeiras norte-americanas Ethel Parsons e Clara Louirser Kienninger no início deste século XX. Afirmando Medeiros, Tipple e Munari (2008) que esse foi um ponto de partida para a chegada da Enfermagem moderna em nosso país.

Assim com o advento da Enfermagem Moderna no Brasil que se deu a partir dos anos 1920 e 1930, fez com que essa área se expandisse para o atendimento nas demandas da sociedade. Esse impulsionamento profissional se deu basicamente pela frente a crescente urbanização e modernização dos hospitais que saíam das mãos das congregações religiosas às mãos laicas (VERDERESE, 1979 apud MEDEIROS, TIPPLE, MUNARI, 2008).

Para Pereira (2008) o modelo nightingaleano de enfermagem teve adoção no Brasil, num contexto profissional culturalmente pensado e estruturado como feminino, e somente após três décadas de sua implantação no Brasil essa profissão foi permitida o ingresso da imagem masculina, tal garantia era dada apenas às mulheres.

No entanto, muitas mudanças ocorreram até ser garantido na Lei 7.498 de 25 de Junho de 1986 uma expansão do quadro profissional, assim sendo a “Enfermagem é exercida privativamente pelo Enfermeiro, pelo Técnico de Enfermagem, pelo Auxiliar de Enfermagem e pela Parteira, respeitados os respectivos graus de habilitação”. Tal pressuposto de permissão atual a qualquer gênero atuar profissionalmente, levou a justificativa de discutir a temática muito relevante no meio acadêmico.

Ao que tange essa perspectiva, o objetivo da pesquisa é realizar uma revisão da literatura sobre a inserção da figura masculina nas escolas de enfermagem brasileira, de modo a compreender os percalços e a importância do homem Enfermeiro. Pois, percorrer esse processo histórico da institucionalização brasileira na Enfermagem permite entender o cenário profissional e acadêmico vivido atualmente.

MATERIAL E MÉTODO

Esse trabalho foi elaborado a partir de uma revisão da literatura de estudos publicados entre os anos 1999 a 2017, nas bases de dados da área da saúde acessadas via portal da Biblioteca Virtual da Saúde (BVS) que permite acesso das principais bases e banco de dados: LILACS (Literatura Latino Americana em Ciências da Saúde) e BDENF (Base de Dados da Enfermagem), publicações apenas no idioma português, além de consultas a SciELO (Scientific Electronic Library Online). Como ferramenta complementar utilizou-se o buscador Google acadêmico.

Foram incluídos artigos, dissertações e teses, que tratassem do tema inserção da figura masculina nas escolas de enfermagem brasileiras. Partindo de buscas no site BVS, com as palavras-chave e descritores: gênero, cuidado de enfermagem, inserção do masculino, início, enfermagem, escola, enfermeiro, história da enfermagem, com o conector “AND”. E no buscador Google acadêmico por título: inserção da imagem masculina na enfermagem.

Em uma primeira leitura dos resumos encontrou-se 138 materiais, que após leitura desses na íntegra, foram selecionados apenas 12 materiais que atenderam aos critérios inicialmente propostos nessa pesquisa, apresentados conforme (Quadro 1).

Quadro 1- Materiais selecionados

Base de dados	Palavras-chave	Materiais encontrados	Total de selecionados
BVS	(Gênero AND cuidado de enfermagem AND inserção do masculino)- (Início AND enfermagem)- Escola AND enfermagem AND enfermeiro- (Enfermeiro AND história)	131	05
Google Acadêmico		07	07
Total materiais pertinentes à pesquisa			12

Fonte: Do autor

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sendo o objetivo deste estudo apresentar e discutir os achados da literatura referentes à inserção da figura masculina nas escolas de enfermagem brasileira. Em que os materiais de selecionados foram lidos na íntegra e agrupados em duas categorias: a) A inserção masculina primeiras escolas de enfermagem b) O psicológico do homem enfermeiro.

A inserção masculina primeiras escolas de enfermagem

Conforme aponta a literatura nos primeiros cuidados de Enfermagem no Brasil, a inserção masculina agia nos serviços de cuidado baseado no empirismo de base medicinal com ervas, dentre outras formas que era do contexto da época. Nisso, veemente contextualiza Cavalcanti et al. (2008) que essa atuação masculina advinha dos homens escravos, obrigados a auxiliar os jesuítas médicos e enfermeiros. Denotando uma presença masculina no cuidado que vai desde o período colonial até o século XX (TONINI E FLAMING, 2002).

Bem como, a Enfermagem segundo Cavalcanti et al (2008) caminhou a passos lentos na sua evolução. Para este autor o processo de inserção masculina na enfermagem ocorreu gradativamente sob influência dos padrões da sociedade, em que o cuidado apenas assistencial que vinha de geração para geração, se moderniza e vira uma “assistência técnico-científica” com profissionais formados em escolas de enfermagem.

Em 1543, funda-se da primeira santa casa de misericórdia, posteriormente cria-se várias outras (TONINI; FLAMING, 2002). Haja visto, nesse período o cuidado na Enfermagem brasileira era exercido tanto por homens quanto por mulheres. Afirmado Cavalcanti et al. (2008) que no decorrer dos tempos a humanidade presenciou diferentes formas do cuidar. Porém, entende-se que foi em Florence Nightingale que a enfermagem ganhou sinônimo de assistência em forma de uma arte ensinando aos cuidadores deixar o empirismo e ter um treinamento técnico-científico.

Nesse sentido, Florence Nightingale institucionalizou a Enfermagem na Inglaterra, por volta de 1860, enquanto aqui, também no século XIX, cria-se a primeira escola de

enfermagem no Brasil em outro modelo assistencial. Essa era a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, que deu seus primeiros passos de profissionalização da Enfermagem no Brasil, a salva guarda dos médicos brasileiros.

Tal escola foi instituída pelo Decreto Federal nº 791 de 27 de setembro de 1890, com a finalidade de preparar profissionais para atuação em hospícios, hospitais civis e militares funcionando nas dependências do Hospício Nacional dos Alienados, atualmente ela é a Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (UNIRIO) (CAVALCANTI ET AL, 2008).

Pereira (2008) afirma que nessa escola foi permitido a inserção masculina na formação para enfermeiros, a ideia era aceitá-los visando se apropriar dos atributos como a força física, pois isso ajudaria no cuidado aos alienados ou ainda ao atendimento das enfermarias masculinas. Nesse contexto Padilha, Vagheti e Brodersen (2006) afirma que nesses locais a força era muito mais importante, em detrimento do ato de cuidar no que tange aos alienados.

Assim, em 1916 criam-se a Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha, ao que emerge dessa escola os estudos de Porto, Campos e Oguisso (2009), para esses autores dentre as mídias da época, encontra-se duas fotos iguais e publicadas, uma no jornal “Diário da Noite” e outra na imprensa ilustrada da revista “A Cigarra”, com a presença de dois homens entre sete mulheres formados pelo curso de enfermagem da Cruz Vermelha.

Posteriormente em 1923 criam-se a Escola de Enfermagem Anna Nery, no Brasil, oficializada sua criação pelo decreto nº 16.300 de 31/12/1923. Essa foi segundo Pereira (2008) a primeira “escola padrão de ensino”, mesmo sendo referência para várias escolas com seu modelo angloamericano não permitiu a entrada de homens no seu quadro de alunos, isso perdurou por várias décadas.

Então em 1933 data-se a criação da Escola de Enfermagem Carlos Chagas. Logo depois, no ano de 1939 a criação da Escola Paulista de Enfermagem, e em 1942, cria-se oficialmente, a Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP), sendo essa objeto de estudo de Souza, Freitas e Hagopian (2017), mostrando que em 1950 a imagem masculina ganha espaço na formação de enfermeiro, enfoque dado à primeira formatura incluindo cinco homens enfermeiros.

Segundo Pereira (2008) a possibilidade do homem ingressar nos cursos de enfermagem foi ampliada a partir da criação da Lei n. 775, de 6 de agosto de 1949, Tal lei instituiu normas ao ensino de Enfermagem, exigindo o ensino secundário para ingresso nos cursos de enfermagem, e ainda obrigatoriedade de vinculação a da enfermagem com a medicina, cabendo então aos médicos coordenar as novas escolas criadas no Brasil.

Almeida (2014) destaca em seu estudo que o primeiro aluno do sexo masculino a estudar na EEHB foi admitido no ano de 1967. Ele teve como resultado as narrativas de dificuldade de ingresso de um aluno no curso de Enfermagem em 1967. Tal fato se deu, pois, a sociedade nessa época tinha o entendimento que essa profissão ainda era feminina.

Assim em 1968, segundo Pereira (2008), o cenário começa a mudar em amplitude positiva a imagem masculina, com a primeira reforma universitária brasileira. Para tal o ensino de enfermagem passou a ser vinculado à universidade, nisso os homens puderam então ingressar nos cursos de formação. Visto que, a seleção de ingresso no curso de enfermagem passou a ser por vestibular, e não mais por seleção direta, criando com isso condições de reorganização da prática dando visibilidade e prestígio social, tornando atraente a profissão em especial para os homens, Souza, Freitas e Hagopian (2017, p.3), afirma que antes da reforma em algumas escolas o “ingresso se dava por entrevista, recomendações pessoais do candidato ao curso de enfermagem e a análise do currículo”.

Nesse contexto, Padilha, Vagheti e Brodersen (2006) reforçam que a reforma universitária, fez uma mudança profunda no sistema de ensino superior, alterou a organização, a administração e o funcionamento de vários cursos. Os currículos, das escolas de enfermagem de nível superior que só aceitava mulheres como alunas, a partir do ingresso por

vestibular fez com que abrisse as portas da Universidade para os homens que quisessem ingressar em qualquer profissão, inclusive a enfermagem.

Então, com a entrada de homens nos cursos de enfermagem, o cenário se transforma, estes começaram a “assumir cargos de direção e chefias nas instituições de saúde e entidades de classe” e quanto ao termo “Enfermeiro” passou a ser notado e escrito nos textos em que referenciassem a profissão, denotando uma linguagem de inclusão do ser masculino (PADILHA, VAGHETTI E BRODERSEN, 2006, p.7).

Entretanto, mesmo com o ingresso de homens no ensino formal da enfermagem brasileira, essa profissão continuou sendo vinculada à essência feminina, tal representação levou a pouca procura por homens pela enfermagem naquela época (PEREIRA, 2008). Concordando Almeida (2014), que as turmas posteriores a 1968 permaneceram com um contingente de homens bem abaixo do feminino tanto na escola EEHB como também em outros cursos de enfermagem distribuídos pelo Brasil.

Enfim Souza et al. (2016) ao analisar a inserção masculina nos dez primeiros anos do curso de graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Alagoas, os resultados apontaram que desde o primeiro vestibular houve procura masculina pelo curso de Enfermagem em Alagoas e alguns homens foram aprovados nos anos de 1974, 1975, 1976, 1977, 1979, 1981, 1982, 1984. Os primeiros enfermeiros se formaram em 1980 e mais três em 1983 e 1984. Apontando também uma diferença marcante entre os homens ingressantes e concluintes, mostra que dos 71 que entraram, somente 9 se formaram dentro do recorte temporal definido, isso corresponde 1,3% do total, demonstrando a dificuldade do percurso desses estudantes.

O sofrimento psíquico do homem enfermeiro

Frente ao desenvolvimento do sofrimento psíquico Mauricio e Marcolan (2016) em seu estudo parte do pressuposto de que homens podem durante a graduação no curso de Enfermagem adoecer, esse fato advém de haver uma minoria na profissão e no curso. Para esses autores, o homem enfermeiro tende a sofrer com preconceitos e discriminações. Concordando Santos e Takahashi (2000) ao estudar a trajetória de 8 enfermeiros do estado de São Paulo formados por uma escola pública, que há uma diferença de aceitação da imagem masculina nos serviços de enfermagem quando esse busca emprego, ao que parece há uma diferença entre a esfera pública e esfera privada, sendo a primeira de maior aceitação.

Pereira (2008) afirma que a possibilidade de ingresso masculino na Enfermagem não superou as discriminações geradas em torno da cultura construída pela sociedade. Pois o enfermeiro ao dividir espaços profissionais na enfermagem com mulheres, de certa forma causou menosprezo, porém “é conveniente a participação dos homens para os serviços de enfermagem tornando-o peça essencial de produção atual” (PEREIRA, 1999, p.6). Corroborando Machado (2004) que a presença masculina é imprescindível em determinadas áreas da Enfermagem, a exemplo, nas internações clínicas ou cirúrgica de urologia, proctologia, ortopedia, neuro e traumatologia, e psiquiatria.

Nesse sentido a inserção da imagem masculina na enfermagem brasileira se deu inicialmente devido aos componentes de sua força física, pressupondo que na sociedade moderna o homem alterno entre a composição de ser um homem forte produtivo, e ser também levado a emoções e sensibilidade, totalmente contrário a primeira composição, “a condicionante da força, vai aos poucos, deixando de ter sua importância e de certo modo, o homem vai ganhando espaços em áreas não tão ligadas a esta condicionante” (PEREIRA, 1999, p.61).

Assim sendo mesmo com todas às mudanças de paradigma e aos papéis e funções relacionadas ao gênero, Mauricio e Marcolan (2013), aponta que o fato de mulheres exercerem majoritariamente a profissão leva a maior necessidade de propor sempre

“discussão baseada nas desigualdades quanto à inserção do ser masculino na profissão”, devendo haver extinção do preconceito, e maior aproximação das relações, evitando conflitos e competição, e desse modo promover integração que eleve a qualificação para a profissão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo permitiu compreender que o homem passou por uma trajetória difícil, pautada em sempre marcar seu espaço nessa profissão. Porém a vinculação da Enfermagem com o gênero feminino, provocou uma barreira, que gerou preconceitos a inserção masculina nos cursos de enfermagem no Brasil.

Diante disso podemos dizer que a reforma universitária foi um marco que ampliou o acesso de inserção masculina na enfermagem, dando maior visibilidade ao homem no papel de enfermeiro. Percebe-se que a maioria dos estudos evidenciaram que o homem sempre foi e ainda é minoria na enfermagem, e que a não há uma aceitação em determinadas áreas dos cuidados de enfermagem, a resistência a aceitação é predominante.

Portanto entende-se que não é o gênero mulher ou homem que determina a eficácia do serviço desempenhado, isso vai além de vários outros fatores que compõe atuação do profissional enfermeiro. Assim podemos considerar a necessidade de mais discussões sobre a existência do tema inserção masculina na enfermagem nos meios acadêmicos. Tal fato é comprovado neste estudo, em que a literatura pesquisada não demonstra muitas pesquisas sobre esse assunto.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Regina Lucia Muniz de. Formação de Enfermeiras na Cidade de Juiz de Fora: uniforme e identidade na escola de enfermagem Hermantina Beraldo (1947-1978). Rio de Janeiro, 2014. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

CAMPOS, Paulo Fernando de Souza; OGUISSO, Taka. A Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo e a reconfiguração da identidade profissional da Enfermagem Brasileira. *Rev. bras. enfermagem*, Brasília, v. 61, n. 6, Dez. 2008 .

CAVALCANTI, Maria Conceição Sousa et al. A evolução da enfermagem: um recorte histórico, político e cultural. 2008

HORTA, Wanda de Aguiar. Conceito de enfermagem. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*. 1968.

MACHADO, Wiliam César Alves. Gênero, saúde e enfermagem: a inserção do masculino no cuidado de enfermagem. (Online), v. 3, n. 2, 2004.

MAURICIO, Luis Felipe Sales; MARCOLAN, João Fernando. O ser masculino na Enfermagem: Sofrimento psíquico por questão de gênero. In: Congresso Internacional Gênero (s) e Saúde: (In) Determinações e Aproximações, 2013, Coimbra. O ser masculino na Enfermagem: Sofrimento psíquico por questão de gênero, 2013.

MEDEIROS, Marcelo. TIPPLE, Ana Clara Ferreira Veiga. MUNARI, Denize Bouttelet. A Expansão das escolas de enfermagem no Brasil na primeira metade do século XX. *Rev. Eletr. Enf.[internet]*. 2008.

PADILHA, Maria Itayra Coelho de Souza; VAGHETTI, Helena Heidtmann; BRODERSEN, Gladys. Gênero e enfermagem: uma análise reflexiva. 2006.

PEREIRA, Álvaro. O cotidiano profissional do enfermeiro: das aparências às diferenças de gênero. Pelotas: Editora Universitária / UFPEL; Florianópolis: UFSC, 1999. (Série Teses em Enfermagem, 17)

PEREIRA, Paulo Fábio. Homens na enfermagem: atravessamentos de gênero na escolha, formação e exercício profissional. Dissertação de Mestrado, Porto Alegre: Faculdade de Enfermagem, UFRGS, 2008.

PORTO, Fernando; CAMPOS, Paulo Fernando de Souza; OGUISSO, Taka. Cruz Vermelha Brasileira (filial São Paulo) na imprensa (1916-1930). Esc. Anna Nery [online]. 2009, vol.13, n.3, p.492-499. ISSN 1414-8145.

SANTOS, Carlos Eduardo dos; TAKAHASHI, Regina Toshie. Resgatando a trajetória profissional do enfermeiro do sexo masculino: um enfoque fenomenológico. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 53, n. 2, p. 183-191, 2000.

TONINI, Nelsi Salete; FLEMING, Silvia Falleiros. História de enfermagem: evolução e pesquisa. Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR, v. 6, n. 3, 2002.